

AS VIELAS DE SÃO LUÍS COLONIAL NA ÓTICA DOS BRINCANTES

Kelyane Sousa Pereira ¹; Julyenne dos Santos Maia ¹; Brunna Maciel de Carvalho ²; Natalia de Jesus Ferreira Veiga ³; Prof^a Dr^a Camila Maria Silva Nascimento ⁴.

*Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) - Campus Paulo VI. E-mail: catirinvitorya@gmail.com ¹;
julye_angel@hotmail.com ¹; brunnamaciel18@gmail.com ²; nataliaf.veiga@gmail.com ³; letrascm@yahoo.com.br ⁴.*

Resumo: A crônica como gênero textual possibilita ao leitor conhecer e refletir, de forma crítica e descontraída, sobre diversas temáticas sociais e culturais no cotidiano em que ele vive. É importante considerar que a apresentação desse gênero pode ser uma ferramenta educacional para o docente, e, ao mesmo tempo, desenvolver no aluno uma aprendizagem satisfatória e descompromissada com o factualmente didático. A presente pesquisa é a primeira parte de um estudo que tem como objetivo resignificar a importância que o passado de uma cidade assume na formação da memória do indivíduo, enquanto vetor de construção de sua identidade por meio da análise da crônica “Soltando barquinhos de papel” de Ivan Sarney. O estudo propõe ainda a valorização das brincadeiras retratadas na crônica com as do próprio tempo de infância dos alunos, além de incentivar o interesse pelo patrimônio imaterial da cidade de São Luís/MA. Os procedimentos metodológicos têm embasamento na pesquisa exploratória, bibliográfica e documental por meio da coleta e análise de informações em revistas, artigos científicos e levantamento da literatura científica. A partir dessas contribuições teóricas e da análise sistematizada dessas leituras, obteve-se os seguintes resultados: A leitura da crônica é importante no processo de desenvolvimento da aprendizagem do aluno, além de estreitar a relação sociocultural que este constrói ao conhecer os aspectos locais que segmentam a sociedade. O docente da educação básica poderá explorar as diferentes possibilidades, não apenas o gênero textual, em si, mas o enredo, espaço histórico, temporal e social que uma crônica local apresenta. Nesse sentido, essa temática possui significativa relevância para estudos da área, o que possibilitam a aplicação de pesquisas futuras que poderão contribuir para o meio científico.

Palavras-chave: Educação, Crônica, Cidade, Brincadeiras.

INTRODUÇÃO

O século XIX é marcado pelo nascimento do romance, pela valorização da infância e da adolescência. É a partir de 1812, que se define o gosto literário dos pequenos leitores e se determina as principais linhas de ação, ou seja, a predileção por histórias fantásticas, de aventuras, que representam o lugar e o cotidiano da criança. Também é no século XX que o literário ganha novo olhar, objetivando a inserção da criança como personagem nos contos, cujo interesse é dialogar com elas. Nesse sentido, Novaes (1993, p.35) expressa: “de acordo com a definição de Soriano, pode-se dizer que a Literatura é um fenômeno de expressão, é uma linguagem específica que, como toda



linguagem, expressa uma experiência (a do autor) e provoca outra (a do leitor)”. Logo, a proposta é o diálogo.

Com base nisso, o presente trabalho propõe instigar o leitor a se interessar por gêneros como a crônica que pode estabelecer com ele um diálogo próximo de sua vida, e, por isso, prazeroso. Por retratar fatos citadinos e relatos do cotidiano (do autor e nosso), a crônica enseja à percepção de determinada situação, instigando o desvendamento de outras. A iniciativa visa a contribuir na construção de um leitor crítico e abre o leque de possibilidades acerca do conhecimento de textos, cuja leitura aborda elementos bem próximos do mundo circundante e da leitura do mundo que, constantemente se faz.

A proposta “as velas de São Luís colonial na ótica dos brincantes” pretende trabalhar com o gênero e trazer para discussão as seguintes questões: em que medida o cronista se aproxima da cidade? Como a crônica pode contribuir para a formação de um leitor crítico? É possível valorizar as histórias locais, bem como suscitar uma reflexão, acerca das mudanças ocorridas com o brinquedo e o brincar? Com base nesses questionamentos, buscam-se estudos que subsidiem a importância do brinquedo e do gênero crônica, recortando-se a maranhense.

A palavra crônica de origem latina, *Chronica*, objetiva relatar um ou mais acontecimentos do cotidiano em tempo determinado e num determinado espaço/tempo. Possui um número reduzido de personagens, ou mesmo nenhum, e seu tom é costumeiramente irônico, reflexivo, humorístico, lírico, crítico e/ou informativo. É um gênero textual narrativo e, como texto literário, se impõe no início do século XIX, a partir de publicações em folhetins que tratavam de diversos assuntos presentes na vida diária e social da época. Sua principal finalidade era distrair os leitores lhes proporcionando momentos de distração através da imaginação e da reflexão sócio-crítica.

Das duas espécies de folhetins publicados na imprensa do século XIX, a que deu origem ao gênero crônica – tal como o concebemos modernamente – foi o folhetim de variedades. E o que era este...? Nos rodapés dos jornais, ao mesmo tempo que cabiam romances em capítulos, também cabia – ainda quando em outras folhas – aquela matéria variada dos fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo. (BENDER; LAURITO, 1993, p. 16).

Alguns autores da literatura moderna e contemporânea se consagraram com a produção dessa tipologia narrativa, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga, Luís Fernando Veríssimo etc. No Maranhão, destacam-se renomados cronistas: Ivan Sarney, José Chagas, Josué Montello, Nauro Machado, Marcos Fábio Belo Matos e Jomar Moraes. São autores que escreveram crônicas sobre determinados fatos sociais do cotidiano, utilizando



linguagem simples, objetiva, clara, coerente e coesa, permitindo ao leitor identificar-se com as informações do texto. Este gênero é considerado um texto curto, leve, de fácil compreensão, por esses fatores, sua utilização em sala de aula contribuirá de maneira prazerosa para despertar o gosto pela leitura autônoma.

Nesse sentido, pretende-se incentivar o interesse do leitor pelas questões locais, como por exemplo, as histórias miúdas da própria cidade, as mudanças pelas quais ela passou até o momento, o que se conservou ou não sobre a sua história. Pretende-se verificar se o aluno consegue relacionar as brincadeiras retratadas na crônica com as do seu tempo infantil. Desse modo, o presente trabalho visa, ainda, ressignificar a importância que o passado da cidade assume na formação da memória do indivíduo, enquanto vetor de construção de sua identidade.

A proposta justifica-se, pois pretende ser uma ferramenta para os profissionais da educação básica, desenvolverem, não somente o interesse dos alunos pela leitura da crônica, mas pela construção de brinquedos, estabelecendo relações com as atividades de educação pela arte, valendo-se do uso de várias tecnologias em sala de aula. Para isso, traz-se como referência a leitura da crônica “Soltando barquinhos de papel” do cronista maranhense Ivan Sarney. Além de uma leitura bastante agradável, o cronista aborda elementos que se assemelham com o cotidiano da criança em desenvolvimento cognitivo e afetivo quando ela brinca. Sobretudo, possibilita ao aluno conhecimentos históricos, culturais e geográficos sobre a localidade onde ele reside.

METODOLOGIA

A partir das leituras bibliográficas, e tendo como principal fonte o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), que fundamentam as orientações pedagógicas acerca do trabalho a ser desenvolvido nas salas de aula, este trabalho enfatiza concepções e pesquisas teóricas voltadas para a importância do brincar como parte do desenvolvimento cognitivo e sensorio motor da criança.

Em seu artigo 9º, os eixos norteadores das práticas pedagógicas devem ser as interações e a brincadeira, indicando que não se pode pensar no brincar sem as interações: Interação com a professora — O brincar interativo com a professora é essencial para o conhecimento do mundo social e para dar maior riqueza, complexidade e qualidade às brincadeiras [...]. Interação com as crianças — O brincar com outras crianças garante a produção, conservação e recriação do repertório lúdico infantil [...]. Essa modalidade de cultura é conhecida como cultura infantil ou cultura lúdica. (KISHIMOTO, 2010, p. 2).



O professor propõe atividades reflexivas para que os alunos possam ser mediadores do seu próprio conhecimento, desenvolvido através do processo de leitura no ambiente educacional, no qual se acham inseridos. Portanto, entende-se que, de forma geral, o professor deve valorizar a leitura; ajudar o aluno a entender que trabalhar com a crônica tende a contribuir para sua melhor aprendizagem e formação crítico-reflexiva.

Por meio do conhecimento adquirido com a leitura da crônica “Soltando barquinhos de papel”, o professor e os seus alunos poderão fazer um passeio pelas ruas do centro de São Luís nela referidos. Nesse passeio, certamente, conhecerão as vielas da cidade histórica, verificando as mudanças pelas quais a cidade passou da época em que a crônica foi escrita até o presente momento. Ademais, o aluno pode ser motivado a construir barquinhos, comparando o brinquedo e as brincadeiras de ontem (da crônica) com as da atualidade.

Esta pesquisa é de cunho exploratório, bibliográfico e documental, pois a consulta aos teóricos se deu por meio de sites informativos, revistas, artigos acadêmicos, livros em PDF e biblioteca. Posterior a essas leituras o trabalho encontra subsídios na defesa da crônica, como gênero incentivador da leitura, ou seja, ela é interessante, pois trabalha, segundo (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 90), “o aspecto afetivo do adolescente que vive conflitos. Deseja libertar-se do adulto, mas ainda depende dele” Assim, esse gênero textual pode ajudá-lo na superação, e, quem sabe, despertá-lo não só para a leitura, mas, também, para a vontade de escrever seu próprio texto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Oliveira (2001, p.16) “o brincar tem uma importância fundamental na construção da inteligência e do equilíbrio emocional”. Portanto, é necessário buscar diversas leituras que deem sustentação para o desenvolvimento deste trabalho.

Quando falamos em história, nos remetemos a infinitas questões que envolvem diversos fatores já que o seu sentido é bem amplo e envolve a linguagem trabalhada, os personagens envolvidos, o ano em que a narrativa foi escrita, as vestimentas utilizadas e a localidade em que a trama se desenvolveu. Percebe-se, então, a existência de uma infinidade de questões que trazem, implícita ou explicitamente, resquícios daquilo que nos forma culturalmente, enquanto protagonistas das relações sociais. Nelas, o nosso papel é o de conhecedor e transmissor do que foi repassado pelos nossos ancestrais. Ao incentivar o desejo de propagar essas informações, também, a

recriamos com a ajuda de uma nova geração que se inicia a cada momento. Esse é o nosso bem maior, o nosso patrimônio que não pode ser esquecido.

O Patrimônio Cultural Brasileiro não se resume aos objetos históricos e artísticos, aos monumentos representativos da memória nacional ou aos centros históricos já consagrados e protegidos pelas Instituições e Agentes Governamentais. Existem outras formas de expressão cultural que constituem o patrimônio vivo da sociedade brasileira: artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, a culinária, as danças e músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares, revelam os múltiplos aspectos que pode assumir a cultura viva e presente de uma comunidade. (HORTA et al., 1999, p. 6).

Esse conhecimento deve ser estimulado no ambiente escolar, comunidade na qual o estudante está inserido, por meio de fotografias, documentos, festas comemorativas, visitas aos pontos turísticos, atrações artísticas, e até mesmo pelos relatos de experiências/memórias. Essas diferentes linguagens são interessantes na medida em que prendem cada pessoa a uma versão daquilo que é considerado mais significativo e atrativo. Esse aprendizado que é um processo contínuo necessita de incentivo, e, ao mesmo tempo, de respostas que requerem uma liberdade quer seja de tempo, de linguagem e até mesmo de maneiras de assimilação.

De maneira peculiar, esses temas também servem para nos reconhecer e nos identificar com o patrimônio cultural uma das fontes iniciais de conhecimento, pois é através dele que se fortalecem questões como: identidade, consciência social e cidadania. Não se pode educar sem levar em consideração formar cidadãos cada vez melhores e éticos que devem valorar suas origens e formação. Porém, para que isso seja possível, necessita-se que esses conhecimentos sejam trabalhados; tudo começa pelo conhecer, depois, pela apropriação das informações, e consequentemente, pela valorização da cultura local e de sua região.

Em outros termos, valorização e conscientização que interliga disciplinas do currículo escolar, além de enfatizar assuntos que estão muito presentes nas cidades que não preservam seus ambientes físicos e culturais que guardam lembranças e exemplos de materiais do passado. Infelizmente, hoje, particularizando São Luís, como patrimônio, boa parte é esquecida das benesses do bem público e seus usuários. Por outro lado, existe para além dos exemplos materiais, aquilo que alguns autores vão definir como patrimônio imaterial que são resquícios de lembranças e memórias de acontecimentos que se sucederam em determinada época e que são repassados através da oralidade ou de maneira escrita como as próprias lendas, as cantigas, os mitos e as histórias miúdas (crônicas).

Considerando que esse Patrimônio é constituído, sobretudo pelas diversas memórias do grupo que a representa, vale refletir sobre o título de patrimônio imaterial nacional a eles atribuído. Ao terem suas crenças, seus saberes, suas representações, formas de ser, de viver, e de fazer, tomados como patrimônios nacionais, esses grupos tem que necessariamente assimilar aos seus cotidianos o fato de que são produtores e/ou detentores das memórias que constituem o patrimônio cultural imaterial nacional, o que certamente difere do fato de serem portadores de memórias que reconstróem seus saberes e tradições. O que antes poderia ser pensado como memória do grupo que dava sustentação a um estilo local de vida de expressões ou como lembranças que ancoravam uma tradição regional é agora considerado um patrimônio cultural da nação. (COSTA; CASTRO, 2008, p. 3).

Através da crônica de Ivan Sarney podemos identificar resquícios de memórias que são lembranças simbólicas da sua fase de criança, enquanto brincava com os seus amigos. Ao descrever o percurso da brincadeira ele constrói uma espécie de mapa de algumas ruas do centro histórico da cidade de São Luís, ou seja, ao mesmo tempo em que fala de suas brincadeiras, o cronista cita o percurso por onde ele e os seus amigos brincavam e davam asas a imaginação. Isso é bastante presente na crônica:

Quando as águas que desciam da Praça Deodoro deixavam de ser enxurradas e vinham escorrendo, lentamente, pela tarde cinzenta. Era quando nós, ainda molhados de banhar na chuva, nos púnhamos a construir, com nossas mãos de esperanças, os barquinhos de papel que soltávamos na porta de casa, na Rua de Santaninha e que iam, além de nossas esperanças, descendo a Rua da Paz, a de Santa Rita, a do Pespontão, até mergulhar na “Boca-de-lobo”, na Rua do Alecrim (SARNEY, 2014, grifo do autor).

Vale lembrar, também, a intensa presença das emoções do autor e o que o seu discurso visa compartilhar: suas andanças com irmãos e amigos. Por outro lado, ele detalha de uma maneira bem particular, os desafios enfrentados. Isto faz com que a presença dessas memórias, seja bem mais forte na medida em que as suas relações afetivas se tornaram condição necessária para essa preservação.

Lá iam eles, muitas vezes, não levando nada além de nossos desejos de que fossem bem longe, fugindo de nossos olhos, levando nossa fantasia e, por ela, encontrassem o mar. Para encontrar o mar, todavia, era preciso alcançar a “Boca-de-lobo”, da Rua do Alecrim. Sabíamos disso por informação dos mais velhos, que nos advertiam sempre, para o nosso risco de cairmos ali, e nunca mais sermos encontrados (SARNEY, 2014, grifo do autor).

Essas relações afetivas estão presentes no decorrer da crônica e são fornecidas pela troca de memórias e compartilhamento de itens que são considerados significativos, pois permeados pela oralidade dos mais velhos. Observa-se a influência de um espectador da memória e como ele

consegue recordar aquilo que foi dito e criar sentimentos e expectativas para o que lhe foi contado. É a partir daí que ele, enquanto narrador, faz com que sua imaginação se desenvolva mais rápido e sua curiosidade o instigue na busca de conhecer mais sobre a sua origem, seus costumes e a sua identidade.

Tendo em vista esse caráter histórico da crônica, percebe-se que o brincar na infância de Ivan Sarney foi de suma importância para o seu desenvolvimento social e para o seu processo de aprendizagem. Segundo pesquisas a respeito do desenvolvimento humano, “o ato de brincar além de desencadear a promoção de habilidades globais das crianças, incentiva a interação entre pares, a resolução construtiva de conflitos, a formação de um cidadão crítico e reflexivo” (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006) O cronista relata, de forma subjetiva, como a brincadeira traçava a representação de imagens pessoais suas e de seus amigos, que eram os seus competidores, conforme descreve:

Nesse caso, o barco era cada um de nós, transformado em símbolo, com o conteúdo psicológico de nossas emoções, nossa garra, nosso desejo de vencer. O barco então era “eu”, para todos nós. – Eu cheguei primeiro. – Eu encalhei. – Eu perdi. Assim, o nosso empenho, estava mais emocionalmente envolvido, pela força do “eu”, brandida de dentro de nós. (SARNEY, 2014, grifo do autor)

Nesse sentido, a brincadeira exerce um papel fundamental no potencial criativo da criança, devido à representação dos materiais heterogêneos (pedra, areia, madeira e papel) que se tornam construções sofisticadas da realidade transformando a função dos objetos para atender aos seus desejos. (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006)

CONCLUSÃO

A pedagogia de Paulo Freire aborda diversas questões essenciais para um educador trabalhar dentro de sala de aula: temas que irão refletir no aluno uma consciência crítica do mundo que o cerca. Para além da brincadeira que beneficia os aspectos do desenvolvimento da criança, vale ressaltar como o ato de brincar modifica-se de acordo com a época, com o contexto local e com as pessoas. Ao ler a crônica de Ivan Sarney, percebem-se específicas tradições do período de infância do autor as quais já não são utilizadas nos dias atuais.

Sua crônica trata, de forma muito pessoal, a brincadeira que era comum em seu tempo: soltar barquinhos de papel na rua, uma vez que o autor busca em suas memórias, lembranças do período de infância, cujas marcas permanecem até os dias atuais. Ele não se esqueceu de relatar

sobre alguns locais principais da cidade que conta a história de São Luís, que, hoje, são considerados pontos turísticos da cidade. Diante disso, Lopes afirma (apud CARVALHO, 2007) que “o brincar constrói a identidade da criança e estabelece interações sociais embasadas pela linguagem da brincadeira, uma vez que toda criança nasce num certo momento histórico, num certo grupo cultural, num certo espaço”.

Portanto, compreende-se que diversas ciências como psicologia, sociologia, antropologia, pedagogia, entre outras, podem gerar reflexões teóricas sobre o brincar, mas, particulariza-se, aqui, que a literatura de Ivan Sarney em sua crônica, liga-se diretamente aos conceitos do desenvolvimento humano e da construção da identidade social da criança, enquanto brinca, pois, ao fazer isso, ela sente-se dona de um mundo que é seu, mas que, ao mesmo tempo, solidariza com outros. Todavia, após o aporte teórico trabalhado, pretende-se a partir de um estudo futuro efetivar a aplicação em campo da crônica supracitada com uma amostra de alunos para verificar e discutir a aplicação e influência da mesma.

REFERÊNCIAS

BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a educação infantil**. - Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: < portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf >. Acesso em: 22 de jun. de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: < www.siteal.iipe.unesco.org/sites/default/files/bra-_educacion_infantil.pdf >. Acesso em: 22 de jun. de 2017.

CARVALHO, Levindo Diniz. **Imagens da infância: brincadeira, brinquedo e cultura**. 2007. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007. Disponível em: < http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MMSC-7DZHFH/versao_final_compactada_levindo.pdf?sequence=1 >. Acesso em: 17 de jun. de 2017.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

COSTA, Marli Lopes da; CASTRO, Ricardo Vieiralves de. **Patrimônio Imaterial Nacional: preservando memórias ou construindo histórias?**. 2008. 13(2), 125-131 Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <www.scielo.br/epsic> Acesso 17 de jun. de 2017.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico da Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

KISHIMOTO, Tizuko Morchid. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. In: I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais, 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/legislacao-e-normas/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/16110-i-seminario-nacional-do-curriculo-em-movimento> >. Acesso em: 18 de jun. de 2017.

LUNKES, Lurdes Maria. **A Crônica como ferramenta para a formação de leitores**. Secretaria de Estado da Educação Programa de Desenvolvimento Educacional Núcleo de Educação de Toledo. Foz do Iguaçu, 2013. Disponível em: < www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/.../2013_unioeste_lurdes_maria_lunkes > Acesso em: 17 de jun de 2017.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Organização: Vera Barros de oliveira. Petrópolis - RJ. Vozes, 3ª ed. 2011. p.11.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. **Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, p. 169-179, Aug. 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000200005 >. Acesso em: 17 de jun. de 2017.

SARNEY, Ivan. **Soltando barquinhos de papel**. 25 de set. 2014. Disponível em: < <http://ivansarney.com.br/?p=3874> >. Acesso em: 17 de jun. de 2017.

WENCZENOVICZ, Thais Janaina; GOMES, Elisângela. **Cidadania, Leitura e Inclusão: o bibliotecário como formador de leitores em Literatura Negro-Brasileira**. Interdisciplinar. Ano X, v.22, jan./jun. 2015 Universidade Federal de Sergipe - UFS | ISSN 1980-8879| p. 223-244.

Disponível em: < <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/download/3845/3246> >.
Acesso em: 16 de Out. de 2017.